

matou os bois, esquartejou-os e sacudiu, carnes e madeiras, pela janela, para dentro da sala. O patrão, quando viu, ficou preto:

— Zangou-se, meu amo?

— Não senhor.

Mandou vender na feira um bando de porcos. Malazarte levou os porcos, cortou as caudas e vendeu-os todos, por bom preço. Voltando enterrou os rabinhos num lamaçal e chegou em casa gritando que a porcada estava atolada no lameiro. O Patrão foi ver e deu o desespero. Malazarte sugeriu cavar com duas pás. Correu para casa e pediu à dona que lhe entregasse dois contos de réis. A velha não queria mas o rapaz para certifi-cá-la, perguntava ao patrão por gestos se devia levar um ou dois, e mostrava os dedos. Ante os gritos do amo, a velha entregou o dinheiro ao Pedro. Voltou para o lameiro e começou a puxar a cauda de cada porco que dizia estar enterrado. Ia ficando com todas na mão. O patrão ficou suando mas não deu mostras de zanga. E Pedro ainda negou que tivesse recebido dinheiro.

Vendo que ficava pobre com aquele empregado, o fazendeiro resolveu matá-lo o mais depressa possível, de um modo que não o levasse à justiça. Disse que andava um ladrão rondando o curral e deviam vigiar, armados, para prender ou afugentar a tiros. A idéia era atirar em Malazarte e dizer que se tinha enganado, supondo-o um malfeitor. De noite o fazendeiro foi para o curral e Pedro devia substituí-lo ao primeiro cantar do galo. Quando o galo cantou, Malazarte acordou a velha e disse que o marido a esperava no curral, e que levasse a outra espingarda, porque ele, Pedro, ia fazer o cerco pelo outro lado. A velha apanhou a carabina e foi, sendo morta pelo fazendeiro com um tiro certo de que abatia, pelo vulto, o atrevido criado. Assim que a velha caiu, Pedro apareceu chorando e acusando o amo. Este, assombrado pagou muito dinheiro para não haver conhecimento da justiça e ofereceu ainda mais dinheiro se o Malazarte se fosse embora, sem mais outra proeza. O rapaz aceitou e voltou rico para casa dos pais.

II

Não podendo ficar sossegado, Malazarte largou a casa, indo correr mundo. Logo no primeiro dia encontrou um urubu com uma perna e uma asa quebradas, batendo no meio da estrada. Agarrou o urubu e meteu-o dentro de um saco, seguindo caminho. Ao anoitecer estava diante de uma casa grande e bonita, alpendrada. Pela janela viu uma mulher guardando vários pratos de comidas saborosas e garrafas de vinho. Bateu e pediu abrigo mas a mulher recusou, dizendo que não estava em casa o marido e ficava feio ter um homem de portas a dentro. Malazarte foi para debaixo de uma árvore e reparou na chegada de um rapaz ainda moço, recebido com agrados pela dona da casa que o levou imediatamente para jantar. Lam os dois começando a refeição quando o dono da casa apareceu montado num cavalo alazão. O rapaz pulou uma janela e fugiu. Malazarte deu tempo para o dono da casa mudar o traje e tornou a bater e pedir dormida. O dono apareceu e mandou-o entrar, lavar as mãos e ir jantar com ele.

SEIS AVENTURAS DE PEDRO MALAZARTE

I

Um casal de velhos possuía dois filhos homens, João e Pedro, este tão astucioso e vadio que o chamavam Pedro Malazarte. Como era gente pobre, o filho mais velho saiu para ganhar a vida e empregou-se numa fazenda onde o proprietário era rico e cheio de velhacarias, não pagando aos empregados porque fazia contratos impossíveis de cumprimento. João trabalhou quase um ano e voltou quase morto. O patrão tirara-lhe uma tira de couro desde o pescoço até o fim das costas e nada mais lhe dera. Pedro ficou furioso e saiu para vingar o irmão.

Procurou o mesmo fazendeiro e pediu trabalho. O fazendeiro disse que o empregava com duas condições; não enjear serviços e do que primeiro ficasse zangado tirava o outro uma tira de couro. Pedro Malazarte aceitou.

No primeiro dia foi trabalhar numa plantação de milho. O patrão mandou que uma cachorrinha o acompanhasse. Só podia voltar quando a cachorra voltasse para casa. Pedro meteu o braço no serviço até meio-dia. A cachorrinha deitada na sombra nem se mexia. Vendo que era combinação Malazarte largou uma paulada na cachorra que esta saiu ganindo e correu até o alpendre da casa. O rapaz voltou e almoçou. Pela tarde nem precisou bater na cachorra. Fez o gesto e o bicho voou no caminho.

No outro dia o fazendeiro escolheu outra tarefa. Mandou-o limpar a roça de mandioca. Pedro arrancou toda a plantação, deixando o terreno completamente limpo. Quando foi dizer ao patrão o que fizera este ficou feio.

— Zangou-se, meu amo?

— Não senhor, respondeu o patrão.

No outro dia disse que Pedro trouxesse o carro de bois carregado de pau sem nós. Malazarte cortou quase todo o bananal, explicando que bananeira é pau que não tem nó. O patrão ficou frio:

— Zangou-se, meu amo?

— Não senhor.

No outro dia mandou-o levar o carro, com a junta de bois, para dentro de uma sala numa casinha perto, sem passar pela porta. E para melhor atralhar, fechou a porta e escondeu a chave. Malazarte agarrou um machado e fez o carro em pedaços,

A comida que apareceu era outra, bem pobre e malfeita. Malazarte, sempre com o urubu dentro do saco, deu com o pé, fazendo-o roncar, começou a falar, balxinho, como se estivesse discutindo.

- Com quem está falando? perguntou o dono da casa.
- Com esse urubu.
- Urubu falando?
- Sim senhor, falando e adivinhando. Esse urubu é ensinado a adivinhar.
- E o que ele está adivinhando agora?
- Está me dizendo que naquele armário há um peru assado, arroz de forno, bolo de milho e três garrafas de vinho.
- Não me diga . . . Procura aí, mulher!

A mulher procurou e, fingindo-se assombrada pela surpresa, encontrou tudo quanto anunciara o urubu e trouxe os pratos e o vinho para a mesa. Comeram fartamente e o dono quis porque quis comprar o urubu. Pela manhã Malazarte, muito contrariado, aceitou o dinheiro alto e foi embora, deixando o urubu que nunca mais adivinhou cousa alguma.

III

Malazarte encontrou uma ruma de escremento ainda fresca, no meio da estrada. Parou, curvou-se e cobriu o achado com seu próprio chapéu, ficando de cócoras, segurando as abas, como se guardasse uma preciosidade. Passou um homem, a cavalo, e parou, perguntando:

- Que está guardando aí?
- O mais bonito passarinho do mundo! Custou mas segurei-o.
- E o que vai fazer?

- Esperar que passe um conhecido para vendê-lo ou mandar comprar uma gaiola.

- Quanto quer pelo passarinho?
- Vinte mil-réis!

- Está fechado. Tome o dinheiro, monte neste cavalo e vá buscar uma gaiola, ali na vila.

Apeou-se, Malazarte meteu o dinheiro no bolso, cavalgou o animal, picou-o nas esporas e desapareceu para sempre.

O dono do passarinho esperou, esperou e, perdendo a paciência ou cutucado pela curiosidade, passou a mão para segurar a mais linda ave do mundo, ficando com ela suja e nauseante, furioso pelo logro e sem poder castigar o astucioso larápio.

IV

Órfão de pai, Malazarte viu morrer sua mãe, ficando muito triste. Mas, sendo árdido por natureza, do próprio cadáver quis aproveitar-se e ganhar mais dinheiro.

Saiu com ele e escondeu-o nuns capins, perto de um pomar. O dono desse pomar era homem rico e violento, tendo comprado uma matilha de cachorros ferozes para a defesa das frutas. Ao anoitecer, Malazarte levou o corpo da velha e sacdiu-o por cima da cerca. Os cachorros acudiram imediatamente ladando e mordendo. Nesse momento, Malazarte começou a gritar pelo dono do pomar, e quando este apareceu acusou-o de haver assassinado sua mãe, velhinha inofensiva que entrara no sítio para apanhar um graveto de lenha. Sabendo da ferocidade dos cachorros, Malazarte correu para impedir mas já chegara tarde. O dono do pomar, cheio de medo, pagou muito dinheiro e ainda encarregou-se de enterrar a velha com toda a decência.

V

Pedro Malazarte comprou uma panelinha nova para cozinhar quando viajasse. Na primeira viagem que fez levou a panelinha e estava preparando seu almoço, já abrindo a fervura, quando ouviu o tropel de um comboio que carregava algodão. Mais que depressa cavou um buraco, colocou todas as brasas e tições, cobrindo de areia, e pôs a panela por cima, fervendo. Os comboieiros que iam passando ficaram admirados de ver uma panela ferver sem haver fogo. Pararam, discutiram e perguntaram se Malazarte a queria vender por bom dinheiro. O sabidão fez-se muito rogado, dizendo ter adquirido aquele objeto em terras distantes, mas terminou vendendo a panelinha. Os comboieiros seguiram jornada, muito satisfeitos da compra que no outro dia verificaram ser mais um logro do endiabrado rapaz.

VI

Nas cercanias da casa de Pedro Malazarte morava um homem rico e muito avarento. Vivia enganando toda a gente e sendo detestado por todos os vizinhos. Não pagava ordenado aos seus empregados porque fazia apostas e não era possível cumprir-se uma das condições porque tinham sido escolhidas com intenção de burla. Malazarte ofereceu-se para criado e o homem aceitou.

Se Malazarte ficasse trinta dias sem pedir-a-conta, seria pago três vezes, e não o fazendo, nada teria de direito.

O homem mandou Malazarte com mais de duzentas ovelhas para o campo, com ordem de passar por uma garganta de serra muito estreita. As ovelhas recusavam avançar e os empregados anteriores haviam desistido com esse embaraço. Malazarte chegou ao boqueirão, agarrou uma ovelha, amarrou-a e saiu na frente puxando o animalzinho. As outras acompanharam sem dificuldade.

Não deram rede para Malazarte dormir. Durma onde quiser, disse-lhe o homem. Pedro, vendo que o casal guardava a comida num armário grande, trepou-se para cima, com as pernas descidas e recusou sair, dizendo ser aquela a sua cama. Como o casal queria comer, ofereceram ao novo empregado o direito de fazer as refeições com eles, marido e mulher, chegando à conclusão de que só iam comer pão e bolachas, o que davam a Pedro quando ele se empregou.

Mandou o dono que Malazarte levasse o carro de bois e o metesse numa sala sem passar pelas portas. Malazarte despedaçou o carro, partiu os bois em quatro e jogou tudo pela janela.

Dias depois o dono da casa foi viajar e recomendou a Pedro que queria encontrar o gado muito bem tratado, rindo-se com o tempo. Quando o homem voltou viu que Malazarte havia cortado os beijos dos bois, vacas, novilhos, touros, deixando-os com os dentes de fora, como se estivessem rindo. Não quis mais conversa. Pagou três vezes e mandou que Pedro Malazarte fosse embora antes que ficasse completamente arruinado.

Nordeste do Brasil.
L. da C. C..

Nota — Malazarte em Portugal, Pedro de Urdemales na Espanha, popularíssimo e velhíssimo, derrama sua presença no continente ibero-americano. No Brasil, Lindolfo Gomes reuniu doze episódios no *Contos Populares*, I^o, 64, e no *Vaqueiro e Cantadores*, Belo Horizonte, 1984, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 81, divulguei suas proesas em verso no sertão nordestino. Ramón A. Laval publicou *Cuentos de Pedro Urdemales*, Santiago de Chile, 1925, vinte aventuras, reeditados em 1943 e em Porto Rico Maria Cadilla de Martínez colecionou façanhas do herói no *Raíces de la Tierra*, Arecibo, 1941. Já era citado na canção 1132 do *Cancionero de Vaticana*, fins do século XV . . . chegou Payo de maas Artes. É o "Pedro de Urde Lamas" da *Lozana Andaluza* (séc. XVI). Miguel Cervantes de Saavedra escreveu uma comédia "Pedro de Urdemales". Citam sua figura astuciosa e alegre Espinel, Lope de Vega, Quevedo, Salas Barbadillo, Montalbón, Calderón de la Barca. *Pedro de Urdemales eres*, fala o velho Quintana no segundo ato do *Dom Gil de las Calzas Verdes*, de Tirse de Molina. D. Francisco Manoel de Melo evoca-o no *Rológos Falantes*. O prof. Aurélio M. Espinosa estudou 68 versões hispânicas em cinco tipos, *Cuentos Populares Españoles*, III^o, 131-150. É uma figura legítima da novela picaresca castelhana como Lazarrillo de Tormes, Guzmán de Alfarache, El Buscón, Estebanillo González. Correspondendo ao Eulenspiegel europeu ou Uhlakamiana zulu, personagens humano determinando realmente um ciclo temático na literatura oral e popular, seus episódios mais conhecidos são somas de temas diversos que ocorrem noutras histórias, espalhadas no mundo. No II^o desta coleção é motivo de entremez de Cervantes de Saavedra, *La Cueva de Salamanca*, entre 1610 e 1611. O III^o aparece em Flandre (*Contes de la Flandre*, Mt. 1529, Maurits De Meyer, FFC 37) e na Walonia (G. Laport, *Les Contes Populaires Wallons*, Mt. 1528, FFC 101). O IV^o é o Mt. 1537 de Arne-Thompson. O V^o é o elemento K-112. 1, *The self-cooking pot*. No VI^o a ovelha carregada, obri-gando o rebanho a segui-la, é influência dos carneiros de Dindenault, *Pantagruel*, VIII, *Comment Panurge fit en mer noyer de marchant et les moutons*, que Rabelais encontrara na décima primeira *Macaronée* de Merlin Coccaie (Folengo).

O BOI LEIÇÃO

Havia um homem muito rico, dono de uma fazenda muito grande. Entre o "gadame" de sua propriedade, possuía ele, nesta fazenda, um boi que era a "fulô" do curral. Chamava-se o boi, boi Leição.

E possuía também um vaqueiro que nunca havia faltado com a verdade.

Um dia esse fazendeiro foi visitar um seu compadre, também muito rico, que morava noutra fazenda encostada; e, no meio da conversa, teve ocasião de lhe dizer que tinha um vaqueiro que nunca havia mentido.

— Qual nada, compadre! Eu não acredito. Se eu que sou um homem branco e rico, mintto, quanto mais o seu vaqueiro! . . .

— Pois, meu compadre, você pode mentir, eu não duvido; mas eu lhe afianço que o meu vaqueiro nunca mentiu nem mente.

— Mente, compadre! . . .

— Não mente.

— Então vamos fazer uma aposta! . . .

— Faço a aposta que o compadre quiser.

— Pois bem, todos os meus haveres contra os seus.

— Esta feito.

— Mas tem uma coisa; eu só aceito passada com tinta e papel.

Então mandaram chamar o juiz de "dereito", o escrivão e o promotor, e passaram o preto no branco, com a assinatura deles e de todas as testemunhas presentes.

Mas o compadre que propôs a aposta e que tinha três filhas, às escondidas do outro chamou a mais moça, que era a mais bonita de todas, e lhe disse:

— Minha filha, você vai fazer os gostos de seu pai. Siga por este "compra-fiado" até chegar na fazenda do compadre. Chegando lá procure a casa do vaqueiro e arranje todos os meios para morar com ele. Uma vez em sua companhia faça tudo para lhe agradar e iludir, e quando fizer três semanas deseje comer o "figo" do boi Leição! . . . Peleje com ele e só me saia de lá depois que ele tiver matado o boi, que o amor de uma mulher bonita consegue tudo no mundo, quanto mais fazer um vaqueiro mentir! . . .

Direitinho como o pai lhe havia ordenado, procedeu a filha. Quando chegou na casa do vaqueiro não tinha ninguém. Sentou-se no batente da porta e ficou esperando.